

**Rui Alexandre Grácio**

**FENOMENOLOGIA, HERMENÊUTICA,  
RETÓRICA E ARGUMENTAÇÃO**

Ficha técnica

**Título:**

Fenomenologia, Hermenêutica, Retórica e Argumentação

**Autor:**

Rui Alexandre Grácio

**Capa:**

Frederico da Silva

**Coordenação editorial:**

Paula Grácio

**Design gráfico:**

Grácio Editor

1ª Edição: Dezembro de 2011

ISBN: 978-989-8377-21-0

© Grácio Editor

Avenida Emídio Navarro, 93, 2.º, Sala E

3000-151 COIMBRA

Telef.: 239 091 658

e-mail: [editor@ruigracio.com](mailto:editor@ruigracio.com)

sítio: [www.ruigracio.com](http://www.ruigracio.com)

Reservados todos os direitos

# Índice

Nota de abertura .....	5
<b>I. A NOÇÃO DE FENÓMENO EM HUSSERL E EM HEIDEGGER.</b>	13
Introdução.....	15
1. As exigências do pensar filosófico.....	15
2. Os limites das ciências positivas e o an-hipotético.....	21
3. Uma equação fundamental. O dom do ver.....	25
4. Uma inibição libertadora. O que são os fenómenos da fenomenologia? .....	34
5. «Às coisas mesmas»: o(s) caminho(s) do regresso .....	44
<b>II. FENOMENOLOGIA, METAFÍSICA E HERMENÊUTICA</b>	
Perspectivas críticas sobre a fenomenologia de Husserl e sobre a questão da superação da metafísica .....	59
<b>III. DA HERMENÊUTICA À RETÓRICA ARGUMENTATIVA ...</b>	83
1. Historicidade, interpretação e argumentação.....	85
2. Perelman e a fundação retórica da filosofia.....	95
3. Nova retórica e tradição filosófica .....	107
4. O império retórico.....	117
<b>IV. PERELMAN E A RACIONALIDADE ARGUMENTATIVA.....</b>	123
Prefácio .....	125
1. Nota sobre a Escola de Bruxelas .....	128
2. A Nova Retórica e o Cartesianismo.....	131
3. Questões de método: do método analítico à elaboração de uma teoria da argumentação .....	142
3.1. Questões de método em filosofia: as noções confusas.....	142
3.2. Em busca de uma lógica dos juízos de valor .....	147
3.3. Fundamento, contradição e incompatibilidade: as implicações da concepção de filosofia como filosofia regressiva.....	153
4. Uso prático da razão e racionalidade retórico-argumentativa ...	160
4.1. Tematização da razão prática .....	161
4.1.1. Uma hipótese de trabalho original: o jurídico como modelo do pensar filosófico.....	162
4.1.2. A regra fundamental da razão prática: a regra de justiça .....	169
4.1.3. Justificação e argumentação .....	176

4.2. Tematização da racionalidade retórico-argumentativa.....	179
4.2.1. O encontro com a retórica. A noção de auditório.....	180
4.2.2. Renovação da retórica e os pressupostos da «nova retórica».....	184
4.2.3. Demonstração <i>versus</i> argumentação: para uma concepção alargada das noções de prova e de razão...	190
5. Uma concepção retórica de filosofia: o auditório universal como ideal de racionalidade .....	198
6. Sentido e alcance de uma filosofia do razoável.....	207

<b>V. CONSEQUÊNCIAS DA RETÓRICA</b> .....	251
Introdução .....	253
<b><i>I. Rejeitar os absolutismos</i></b> .....	255
1. Sob o signo da unidade e da necessidade .....	255
2. Ontologização do saber, diálogo e dialética .....	257
3. Platão e a retórica .....	260
4. A dimensão teorcionista do saber frente à sua dimensão prática. Reabilitação dos sofistas.....	263
5. A dinâmica do plural .....	266
5.1. Pluralismo filosófico e criticismo .....	267
5.2. Radicalidade, paixão das ultimidades e desconstrucionismo explicitante.....	268
5.3. Fundamentos absolutos, fundamentos suficientes.....	269
5.4. A retórica ou as figuras do pragmatismo humano .....	273
6. Alguns conceitos fundamentais do horizonte filosófico contemporâneo .....	278
<b><i>II. Tematização retórico-interrogativa da filosofia</i></b> .....	278
7. A contemporaneidade no exemplo da filosofia hermenêutica de Gadamer: uma abordagem crítica .....	278
8. Do centramento ontológico da filosofia hermenêutica à emergência do retórico e do pragmático: um confronto entre Gadamer e Perelman.....	284
9. Argumentação, retórica e filosofia .....	289
9.1. O campo de argumentação.....	289
9.2. Tematizações contemporâneas da problemática da argumentação: os contributos de Toulmin e de Perelman ...	291
9.3. O significado da reabilitação e da renovação perelmaniana da retórica.....	297
9.4. O interesse filosófico de uma teoria da argumentação .....	301
9.5. Da argumentação à retórica .....	303
10. A inevitabilidade do lance retórico: elementos para uma antropologia retórica.....	310

<b>III. Retoricizar a ciência.....</b>	<b>317</b>
11. Cultura e conhecimento científico .....	317
12. Os contributos da epistemologia contemporânea no movimento de desdogmatização da ciência moderna .....	324
13. A retoricidade do discurso científico.....	329
<b>VI. DISCURSIVIDADE E ARGUMENTAÇÃO.....</b>	<b>339</b>
1. Teorias da argumentação — o estado da arte.....	341
1.1. A delimitação do campo da argumentação: Perelman e Toulmin .....	341
1.2. Algumas perspectivas teóricas contemporâneas .....	344
1.2.1. A lógica natural de Jean-Blaise Grize.....	344
1.2.2. A argumentação na língua.....	346
1.2.3. A argumentação no discurso.....	347
1.2.4. A argumentação na comunicação .....	348
1.2.5. A argumentação na perspectiva da lógica informal ...	350
1.2.6. A argumentação do ponto de vista da pragma-dialéctica.....	351
1.3. Conclusões .....	353
2. Para além da argumentatividade: a unidade da argumentação.	355
3. Com que é que se parece uma argumentação?	
Representações sociais do argumentar .....	373
3.1. Dialógico e dialogal .....	373
3.2. Unilateralidade, multilateralidade e discursos circunstanciados.....	374
3.3. Perspectivas: produto, processo, procedimento, processamento .....	377
3.4. Uma abordagem visual do argumentar .....	379
3.5. Com que é que argumentar se parece? — um exercício no contexto da cultura american.....	382
3.6. Imagens do argumentador: violador, sedutor, amante .....	386
3.7. Argumentos, comunicação e sociedade.....	387
3.8. O que é que as pessoas pensam que estão a fazer quando estão a argumentar? — estudos empíricos em contexto da cultura americana .....	390
3.9. Como é vista a argumentação na cultura portuguesa? — especulações e hipóteses de trabalho .....	393
4. Que fenómenos estuda a teoria da argumentação? Em que consistem as suas tarefas descritivas? .....	399
5. Do discurso argumentado à interacção argumentativa .....	419



## NOTA DE ABERTURA

O presente livro reúne um conjunto de textos redigidos durante um percurso de vinte e cinco anos e dispersos por várias publicações. A ideia de os agrupar num volume corresponde à intenção de recuperar a ruminância que teceu a dinâmica desse percurso. Pontuam essa travessia as seguintes etapas:

- fascínio ingénuo pela filosofia metafísica e pelo pensamento de Platão, autor que precisamente instaurou a filosofia como metafísica;
- questionação das categorias da metafísica a partir da filosofia hermenêutica (com especial relevo para o pensamento de Heidegger, mas também para a psicanálise, o marxismo e o pensamento nietzscheano) e deslumbramento face às propostas abertas pela analítica existencial heideggeriana e pela sua tentativa de pensar o ser e a filosofia fora dos quadros da metafísica; durante algum tempo foram de facto irresistíveis as propostas de Heidegger, quer pelas possibilidades abertas pela metáfora do jogo (velamento/desvelamento) e pelo modelo auditivo (e não visual) de pensamento, quer pela dimensão poética com que vestia a existência humana e conduzia o homem à sua condição de habitante do mundo, articulando, na casa que nos acolhe, finitude, linguagem e ser.
- consciência crítica do significado do pressuposto fenomenológico do pensamento hermenêutico (o pressuposto da doação de sentido) e das suas consequências, a saber:
  - a) a persistência numa ideia de consciência soberana — não no sentido de tudo poder saber, mas no sentido de ser capaz de reconhecer os seus próprios limites;
  - b) a ineficácia do pensamento hermenêutico quando se passa das descrições fenomenológicas da compreensão e dos seus processos às questões das interpretações concretas, dos seus conflitos e da sua arbitragem;
  - c) o fundo de inspiração religiosa da hermenêutica que conduz ao primado do ontológico sobre o antropológico, a uma abordagem ontologizada da linguagem que põe o sentido e a verdade como primeiros e os usos da linguagem, o debate, por exemplo, como algo de derivado e secundário; que, em suma, lida mal com a ideia de que o fenómeno do sentido é inerente aos usos humanos da linguagem, constitui-se e emerge deles, significa-os no seio de

uma retoricidade refractária à cristalização ontológica e remete sempre para uma condição humana que tem a sua matriz relacional na comunicação entre homens concretos e situados;

- a descoberta da teoria da argumentação e da nova retórica como possibilidade de uma nova tematização da actividade filosófica e da ideia de razão;
- a inserção da argumentação numa ideia alargada de retórica que será identificada com a estruturação em que se produzem dinamicamente as perspectivas e em que as questões do sentido se associam a posicionamentos, ou seja, aos sentidos pelos quais nos deixamos, ou não, orientar e que estão indissociavelmente ligados ao agir, remetendo para algum ponto da dialéctica entre teoria e prática;
- a conceptualização da argumentação não em termos de retórica-como-persuasão mas como encontro social caracterizado por uma dinâmica interactiva, desenvolvido por turnos de palavra polarizados em torno de assuntos em questão e indissociável do perspectivismo.

Num volume deste tipo, em que são coligidos textos diversos publicados ao longo do tempo, torna-se impossível evitar o retomar, por vezes repetitivo, de certas ideias, fios de pensamento e mesmo de excertos e citações. Optei, contudo, por manter as versões originais e apresentar o percurso que eles fazem de forma a reflectir o processo de ruminância que os caracteriza. Do mesmo modo, optei por não uniformizar o modo de citar que, também ele, se foi alterando com o passar dos tempos.

Importa, todavia, referenciar as fontes onde os textos reunidos neste volume foram originalmente publicados:

- «A noção de fenómeno em Husserl e em Heidegger» in *Caderno de Filosofias* n.º 9 (dedicado ao tema *Trabalhos*), Coimbra 1995, pp. 17-84.
- «Fenomenologia, metafísica e hermenêutica. Perspectivas críticas sobre a fenomenologia de Husserl e sobre a questão da superação da metafísica» in *Caderno de Filosofias*, n.º 2 (dedicado a *Heidegger*), Coimbra, 1990, pp. 13-45.
- «Historicidade, interpretação e argumentação» — in *Revista Crítica*, n.º 8 (dedicado ao tema *Retóricas*), Lisboa, 1992, pp. 69-78.
- «Nova Retórica e tradição filosófica» in *Caderno de Filosofias*, n.º 5 (dedicado ao tema *Argumentação, Retórica, Racionalidades*), Coimbra, 1992, pp. 55-69.



- «Bibliografia de Chaïm Perelman» in *Caderno de Filosofias*, n.º 5 (dedicado ao tema *Argumentação, Retórica, Racionalidades*), Coimbra, 1992, pp. 87-106.
- «Perelman's rhetorical foundation of philosophy» in *Argumentation* 7, Kluwer Academic Publishers, 1993, pp. 439-449.
- «Introdução à tradução portuguesa de *O Império retórico* de Chaïm Perelman» in Chaïm Perelman, *O Império Retórico — Retórica e Argumentação*, Col. Argumentos, Edições ASA, 1993.
- «La Nouvelle Rhétorique devant la tradition rationaliste Occidentale» in *Argumentation* 9, Kluwer Academic Publishers, 1995, pp. 503-510.
- *Racionalidade argumentativa*, Colecção Argumentos, Edições ASA, Março, 1993, 158 pp..
- *Consequências da retórica*, Colecção Retóricas, Pé de Página Editores, Setembro, 1998, 160 pp..
- «Teorias da argumentação — o estado da arte», comunicação apresentada ao VI Encontro Nacional de Professores de Filosofia, subordinado ao tema *Verdade e Argumentação*, organizado pela Sociedade de Professores de Filosofia, realizado no Anfiteatro do Colégio de Espírito Santo, em Évora, nos dias 5 e 6 de Setembro de 2008.
- «Beyond argumentativeness: The Unity of argumentation» in Ribeiro, H. J. (Ed.), 2009, *Rhetoric and Argumentation in the Beginning of the XXIst Century*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 127-140.
- «Com que é que se parece uma argumentação? Representações sociais do argumentar» in *Revista Comunicação e Sociedade*, n.º 16, 2009, pp. 101-122.
- «Que fenómenos estuda a teoria da argumentação? Em que consistem as suas tarefas descritivas?» in *Revista Filosófica de Coimbra*, vol 17, n.º 33, 2008, pp. 125-146. (Revista publicada pelo Instituto de Estudos Filosóficos da Universidade de Coimbra).
- «Do discurso argumentado a interacao argumentativa» in *EID&A - Revista Eletronica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilheus, n.1, p. 117-128, nov. 2011. Disponível em [http://www.uesc.br/revistas/eidea/index.php?item=conteudo\\_sumario1.php](http://www.uesc.br/revistas/eidea/index.php?item=conteudo_sumario1.php)



**I.**

**A NOÇÃO DE FENÓMENO EM  
HUSSERL E EM HEIDEGGER**



## Introdução

O presente estudo tem como objectivo proceder a uma explicitação da noção de fenómeno tal como ela nos aparece conceptualizada quer no quadro da fenomenologia de E. Husserl quer no horizonte da questão do ser que M. Heidegger elegeu como a «questão mesma» e da qual se nutrirá todo o seu pensamento.

Quer em Husserl quer em Heidegger, a noção de fenómeno surge num contexto próprio; no primeiro, é determinante a ideia directriz da constituição de uma ciência absoluta; no segundo é a colocação da questão do sentido do ser que emoldura a teorização da noção de fenómeno.

Em grande medida, esta diferença de contextos a partir dos quais se elabora a noção de fenómeno, traduz-se também em diferenças quanto à concepção de fenomenologia. Assim, depois da explicitação da noção de fenómeno, importava também estabelecer alguns pontos de confronto que assinalassem as diferenças na concepção de fenomenologia de cada um dos referidos filósofos. Este constitui o segundo objectivo do estudo que a seguir se apresenta.

## 1. As exigências do pensar filosófico

O imenso trabalho que Husserl empreendeu ao longo de dezenas de anos esteve sempre norteado por um determinado ideal de filosofia e, a bem dizer, toda a sua obra é a tentativa de levar a cabo um tal ideal.

Acercarmo-nos da ideia de fenomenologia — ciência dos fenómenos — e do seu sentido implica, por isso mesmo e antes de mais, a tentativa de determinar e caracterizar o *pathos* filosófico que anima o pensamento husserliano, as paixões e os tormentos que o colocam em movimento, as exigências que o desafiam e configuram o horizonte no qual ele se deverá realizar.

Uma primeira exigência a que o pensar filosófico deve responder é a exigência de radicalidade. E se é certo que um tal requisito deve ser reconhecido como inerente à própria natureza do filosofar, em Husserl, (que